

## ÉTICA E DOAÇÃO DE ÓRGÃOS

Douglas da Cruz Souza<sup>1</sup>  
Isabely Amanda Carvalho  
Nattaly Perdoncin Camargo  
Pedro Enrique Rujano  
Ricardo Lucas Koep de Oliveira  
Joseth Jardim<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

Durante a disciplina de Ética Profissional do curso de Psicologia da Universidade Dom Bosco, foram apresentados alguns temas para que cada grupo de trabalho escolhesse um deles e, ao relacioná-lo com a ética, o desafio seria, elaborar um Ensaio Acadêmico; Desta forma, o tema pelo grupo foi: Ética e Doação de Órgãos. Tal escolha foi motivada pela oportunidade de aprofundar estudos sobre a temática, considerando que o mesmo não havia sido abordado durante todo o período de graduação, surgindo a curiosidade de conhecer sobre a atuação do psicólogo frente a este fato, e ainda, sobre as questões éticas e psicológicas, relacionadas diretamente com a situação da doação de órgãos, condição que envolve muitos aspectos, dentre eles, a escolha de familiares e do possível doador em potencial.

Sobre a temática em questão, estudos apontam, que o número de doadores ainda é insuficiente, comparado ao número de pessoas que necessitam de um transplante, embora o Brasil seja o segundo país do mundo que mais realiza transplantes de órgãos, há a demanda de conhecimento científico por parte da Psicologia no que diz respeito a este tema (LIMA et al, 2017). Isto posto, evidencia-se a necessidade da Psicologia se debruçar sobre o que se tem produzido a respeito deste tema.

---

1 Acadêmicos do 8º Período do curso de Psicologia da Universidade Dom Bosco.

2 Professora da disciplina de Ética Profissional e orientadora da atividade de elaboração de Ensaio Acadêmico.

Através deste ensaio, pretende-se discutir como é realizada a atuação do profissional de Psicologia de forma ética, dentro do contexto hospitalar e na atuação com a família, além do acompanhamento com os receptores. Para isso esse ensaio, inicia-se com uma busca bibliográfica acerca do tema, realizando um paralelo com o histórico e os aspectos éticos da profissão, ao final, busca-se uma conclusão dos estudantes sobre as reflexões suscitadas ao longo da produção.

## BREVE HISTÓRICO ACERCA DOS TRANSPLANTES DE ÓRGÃOS

O transplante de órgãos ao longo de sua história foi alvo de várias tentativas sem sucesso (Barros, et al, 2009). Há muitos relatos na literatura que abordam esse tema, como na Medicina Ayurvédica e na Grécia antiga. Durante a Segunda Guerra mundial Peter Medawar e Thomas Gibson realizaram experimentos com transplante de pele em indivíduos com queimaduras decorrentes da guerra, no Reino Unido. Em 1881, foi realizado o primeiro autotransplante de tecido ósseo, pelo escocês Mac Ewen. Em 1905 ocorreu o primeiro transplante de córnea na República Tcheca por Edward Zirm. Até 1950 transplantes de pulmão só haviam sido feitos em cães e somente em 1983, foi realizado o primeiro transplante bem sucedido de pulmão humano, por Joe Cooper, no Canadá (BARROS, et al, 2009).

Barros, et al (2009) trazem que nos Estados Unidos, em 1954, foi descrito o primeiro transplante renal bem sucedido, entre gêmeos univitelinos, realizado por Joseph Murray. Em 1963, ocorreu a primeira tentativa de transplante de fígado em humanos, nos Estados Unidos, por Thomas Starzl. Em 1967, na África do Sul, aconteceu o primeiro transplante de coração. Em março de 1968, na Inglaterra, se obteve o primeiro resultado favorável de transplante hepático, apresentando os quatro primeiros sobreviventes de transplante de fígado.

Um ano após os primeiros transplantes cardíacos e de fígado em outros países, ocorreu o primeiro transplante cardíaco efetivo no Brasil, realizado pelo professor Zerbini, em 1968. Em 1971, foi realizado o primeiro transplante renal no Brasil, no Hospital Sírio Libanês, em São Paulo (Barros, et al, 2009). Nessa década não havia uma regulamentação nacional sobre os transplantes e estes eram realizados de maneira desregulamentada (CUIABANO apud LIMA et al. 2017).

Em 1997, entrou em vigor a Lei nº 9.434, de 4 de fevereiro de 1997, que institui a legalidade sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano

para fins de transplante e tratamento, caso seja de livre vontade e autorizada pelo doador ou seu familiar responsável (Brasil, 1997). De acordo com Lima (2012), os transplantes de órgãos que obtiveram sucesso no século XX, tornou-se o último recurso na tentativa de manutenção da vida, e permitiu manter a vida de um grande número de pessoas vítimas de doenças que outrora não tinham a possibilidade de sobreviver. Desta forma, a doação de órgãos é indispensável para concretizar o transplante, e apesar do número de transplantes ter aumentado, a escassez de órgãos continua sendo um dos maiores obstáculos em todo país (LIMA, 2012).

Os transplantes de órgãos caracterizam-se como um fato complexo nos âmbitos sociais, legais e éticos (CARVALHO; FONSECA, 2005). Para os autores se caracteriza também como um fato complexo em questões jurídicas, pois devido a demanda crescente por transplantes e conseqüentemente com o aumento das filas de espera, se torna, cada vez mais, passível de tornar-se objeto de comércio no mercado ilegal. A Organização Mundial da Saúde (OMS) não aprova a comercialização, pois defende que o corpo humano ou qualquer parte dele não pode constituir-se como objeto de transação comercial, o que exclui qualquer tipo de pagamento (CARVALHO; FONSECA, 2005).

## O PAPEL DA PSICOLOGIA NO TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS

Um dos trabalhos da Psicologia é atuar na quebra de tabus envolvendo as doações de órgãos, pois a desinformação da população em torno das doações é um dos principais motivos para recusa, se tornando imprescindível conscientizar e sensibilizar a população através de campanhas governamentais, visto que mesmo sendo um tabu é um assunto incipiente no Brasil segundo o Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais (2018).

É evidente para a Psicologia no geral, que a morte de um indivíduo causará sofrimento psíquico e sentimentos de angústia e frustração aos seus entes queridos, especialmente quando o indivíduo falecido trata-se de uma pessoa jovem que teve a morte ocasionada por um acidente de qualquer natureza ou violência urbana.

Conseqüentemente, o trabalho destes profissionais no processo de transplante de órgãos é permeado por diversos conflitos morais, éticos e existenciais, visto que a doação de órgãos está permeada por questões morais e religiosas (LIMA, 2012).

Ainda conforme Lima (2012), os trabalhadores que atuam no processo de

transplante de órgãos diretamente ou indiretamente como enfermeiros, psicólogos e outros profissionais, expressam contraditórios significados e sentidos acerca da morte, por um lado, os sentimentos de tristeza, medo, dor, angústia e saudade associada a finitude e vulnerabilidade da vida, e de outro lado, como transformação, renascimento e possibilidade de vida por meio da doação, sendo estas diferentes compreensões relacionadas aos valores espirituais, filosóficos e a importância com o gênero humano por parte de cada profissional, ou ainda, compreendendo a morte como algo “natural”, utilizando-se como uma estratégia para fuga dos sentimentos que podem gerar sofrimento e podendo ser denominados como “frios”, desta forma, nota-se, além de todos esses fatores, um alto grau de estresse, ansiedade e tristeza experienciados por esses profissionais.

Outro fator de extrema relevância, diz respeito ao dilema ético enfrentado pelo profissional no cuidado ao doador, percebe-se que há uma grande preocupação em não pautar-se por uma visão utilitarista, ou seja, em realizar este cuidado visando o benefício que poderá trazer a outra pessoa, por isso, mesmo diante do cadáver, existem uma série de significados para o profissional (LIMA, 2012).

Quando a doação é realizada em vida, ocorre uma entrevista psicológica com o doador, que visa observar as questões emocionais, lhe fornecendo informações sobre os procedimentos que serão realizados. Já para o receptor, o objetivo é auxiliar na diminuição da ansiedade e receios, elucidando dúvidas e observando suas expectativas sobre o processo. Esta seria uma atuação ética e responsável, mas conforme Martins e Valente (2016) afirmam o “papel do psicólogo ou entrevistador não é de convencer, e sim apresentar a possibilidade da doação”, então, é necessário extrema atenção ao processo das entrevistas iniciais, visto que facilmente o sujeito pode ser influenciado pelas sugestões do profissional e isso iria contra a postura esperada do psicólogo.

Essa intervenção dos profissionais da saúde, inicia-se nos programas de Atenção Primária em Saúde (APS) na qual se encontra o nível zero ao que se refere ao processo de doação, no qual é realizado o processo de conscientização social sobre o tema. A importância do engajamento dos profissionais de saúde a esse processo é essencial, pois realizando a conscientização, o “estímulo ao sujeito para conversar sobre o tema com a família teria mais êxito, por existir uma relação mais estreita entre cuidadores, indivíduo e sociedade” (MARTINS; VALENTE, p. 466).

Quando pensada em âmbito hospitalar, onde ocorrem os transplantes, a atuação se dá de diversas maneiras, mas o foco principal deste trabalho é o processo de humanização que envolve essa atuação, não só no atendimento humanizado ao paciente, mas também na instrumentalização da equipe para que em todos os

níveis possa ser feito um atendimento de qualidade. Para que a visão do corpo humano não seja reduzida a aspectos biológicos, e para que o profissional entenda essa pessoa e corpo, “enquanto estrutura marcada pela linguagem, que se apresenta ao psicólogo hospitalar para seu deciframento” (SILVA; ROCHA, 2014, p. 158)

O trabalho ético não envolve apenas o paciente, mas sim todo o seu contexto familiar, pois como é descrito no Código de Ética Profissional do Psicólogo, em seus princípios fundamentais, art. 3, “O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural” (CFP, 2005). Por isso, há sempre a necessidade uma visão global da situação, não reducionista, mas que considere o contexto sócio histórico desse indivíduo para que sua ação possa ser direcionada, levando em conta a importância da rede de apoio que essa pessoa possui (SILVA; ROCHA, 2014).

## CONSIDERAÇÕES ACERCA DO ESTUDO REALIZADO

Por fim, observa-se que o profissional ao promover a doação de órgãos e ao estabelecer vínculos com familiares, vivencia diversos conflitos morais e existenciais que também causam sofrimento no trabalho, mesmo ao perceber que o trabalho é extremamente significativo (LIMA, 2012).

O psicólogo, enquanto profissional de saúde mental inserido nesses espaços, poderá fornecer à equipe uma escuta que dê vazão às emoções que poderão vir à tona com a vivência de tais situações, tais sentimentos permanecem presentes e não encontram espaço na instituição hospitalar para sua descarga, permanecendo, então, camuflados e causando sofrimento a estes profissionais, além disso o psicólogo pode fornecer a própria família o suporte necessário no exato momento em que se mostra necessário, visando diminuir o sofrimento com o acolhimento deste. Fica evidente portanto a necessidade da presença deste profissional é indiscutivelmente necessária para que não haja uma maior propensão ao adoecimento psíquico (DE MATTIA, 2011).

Tendo em vista a complexidade do tema doação de órgãos, que é perpassado por diversos aspectos morais, éticos e legais, bem como, sua ainda recente regulamentação no fim dos anos 90, evidencia-se a necessidade do profissional da Psicologia se apropriar deste campo de atuação, seja na frente hospitalar no trabalho com o doador e/ou família, com a equipe de saúde, ou na atenção primária a saúde. O psicólogo alicerçado ao compromisso ético e político e pela capacidade de análise

crítica da realidade pode contribuir com o avanço deste debate que é permeado por questões morais, culturais e sociais, tanto no desenvolvimento de pesquisas e discussão do tema, quanto na realidade vivenciada pelos doadores e profissionais imbuídos nesta prática.

## BIBLIOGRAFIA

Aspectos psicológicos que envolvem a doação de órgãos foram tema do programa de rádio do CRP-MG. CRP-MG. 2018. Disponível em: <https://crp04.org.br/aspectos-psicologicos-que-envolvem-a-doacao-de-orgaos-foram-tema-do-programa-de-radio-do-crp-mg/>. Acesso em: 05 jun. 2020.

BARROS, Patrícia Madruga Rêgo; ARAÚJO, Ednaldo Cavalcante de; LIMA, Luciane Soares de. Transplante de órgãos e tecidos: aspectos históricos, ético-legais, emocionais e repercussão na qualidade de vida. *Journal of Nursing UFPE on line*, [S.l.], v. 3, n. 4, p. 1192-1201, sep. 2009.

BRASIL. Lei no 9.434, de 4 de fevereiro de 1997. Dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante e tratamento e dá outras providências. Disponível: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19434.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19434.htm). Acesso em: 09 de jun. 2020.

Conselho Federal de Psicologia. (2005). Resolução CFP nº 010/2005. Aprova o Código de Ética Profissional do Psicólogo. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>

DE MATTIA, Ana Lúcia et al. Análise das dificuldades no processo de doação de órgãos: uma revisão integrativa da literatura. *Bioethikos*, v. 4, n. 1, p. 66-74, 2011. Disponível em: <https://saocamillo-sp.br/assets/artigo/bioethikos/73/66a74.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2020.

FONSECA, Márcia Aparecida de Abreu; CARVALHO, Alysson Massote. Fragmentos da vida: representações sociais e doação de órgãos para transplantes. *Interações*. 2005, X (20), 85-108 ISSN: 1413-2907. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35402007>. Acesso em: 03 jun. 2020.

LIMA, Adriana Aparecida de Faria. Doação de órgãos para transplante: conflitos éticos na percepção do profissional. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, 36(1):27-33. 2012. Disponível em: [http://www.saocamillo-sp.br/pdf/mundo\\_](http://www.saocamillo-sp.br/pdf/mundo_)

saude/90/02.pdf>. Acesso em 05 jun. 2020.

LIMA, Adrielle Maia et al. O psicólogo na comissão intra-hospitalar de doação de órgãos e tecidos: relato de experiência. *Psicologia Hospitalar*, v. 15, n. 1, p. 02-23, 2017. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-74092017000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092017000100002). Acesso em: 06 jun. 2020.

MARTINS, Elizielly de Oliveira; VALENTE, Hugo Silva; CALAIS, Lara Brum de. As possibilidades de intervenção do psicólogo em favor dos procedimentos de doação de órgãos e transplantes: um relato de experiência. *Pesqui. prá. psicossociais*, São João del-Rei, v. 11, n. 2, p. 464-472, dez. 2016. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082016000200015&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000200015&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 04 jun. 2020.

SILVA, Vanderlúcia Felix Amorim; ROCHA, José Rodrigues. A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO JUNTO A EQUIPE DE SAÚDE EM UNIDADES DE TRANSPLANTES. *Cadernos de Graduação*,

Maceió, v. 2, n. 2, p. 153-164, nov. 2014. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitsbiosauade/article/view/1782>. Acesso em: 04 jun. 2020.